

e3765

Data de submissão:

17/01/2018

Data de aprovação:

18/09/2018

Data de publicação:

09/11/2018

Editoras de seção e organizadoras do dossiê:

Cintia Kütter e Claudia

Barbieri Masseran



A construção do intelectual na correspondência entre Jorge de Sena e José Régio (1946-1969)

Marcio Roberto Pereira

<http://orcid.org/0000-0003-4311-9629>

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Assis, São Paulo, Brasil.

RESUMO

O objetivo desse trabalho é analisar a correspondência entre Jorge de Sena e José Régio nos anos de 1946-1969. O período que compõem a troca de ideias entre os dois intelectuais mostra o amadurecimento e a formação de Jorge de Sena como escritor e intelectual. Do ponto de vista de José Régio, observa-se o refinamento de sua escrita. Apesar de posicionamentos diferentes frente diversos temas (política, literatura, educação etc.), a troca de experiências entre os dois intelectuais representa uma forma plural de conhecer um pouco mais sobre as perspectivas de ambos os escritores: Jorge de Sena, em constante movimento por diversos países e, José Régio, em Portugal.

Palavras-chave: Jorge de Sena. José Régio. Correspondência. Intelectual.

The construction of the intellectual in the correspondence between Jorge de Sena and José Régio (1946-1969)

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze the correspondence between Jorge de Sena and José Régio in the years of 1946-1969. The period that make up the exchange of ideas between the two intellectuals shows the maturation and the formation of Jorge de Sena as writer and intellectual. From the point of view of José Régio, one observes the refinement of his writing. In spite of different positions on different themes (politics, literature, education etc.), the exchange of experiences between the two intellectuals represents a plural form of knowing a little more about the perspectives of both writers: Jorge de Sena, in constant movement for countries, and José Régio, in Portugal.

Keywords: Jorge de Sena. José Régio. Correspondence. Intellectual

Pois que toda a literatura é uma longa carta a um interlocutor invisível, presente, possível ou futura paixão que liquidamos, alimentamos ou procuramos. E já foi dito que não interessa tanto o objeto, apenas pretexto, mas antes a paixão; e eu acrescento que não interessa tanto a paixão, apenas pretexto, mas antes o seu exercício. (*Novas Cartas Portuguesas*).

Graças a essa transferência analógica, somos autorizados a empregar a primeira pessoa na forma plural e a atribuir a um nós — independentemente de seu titular — todas as prerrogativas da memória: minhidade, continuidade, polaridade passado-

futuro. Nessa hipótese, que transfere à intersubjetividade todo o peso da constituição das entidades coletivas, importa jamais esquecer que é por analogia apenas, e em relação à consciência individual e à sua memória, que se considera memória coletiva como uma coletânea dos rastros deixados pelos acontecimentos que afetaram o curso da história dos grupos envolvidos, e que se lhe reconhece o poder de encenar essas lembranças comuns por ocasiões de festas, ritos, celebrações públicas. (RICOUER, 2007, p. 129).

Espaço privilegiado em que diversas perspectivas se combinam e se encontram, a correspondência entre intelectuais ilumina vários contextos que se entrelaçam nas teias entre o público e o privado: desde o acompanhamento da escrita de obras, pensamentos políticos e artísticos, até as fraquezas humanas, que sob o ponto de vista dos leitores, não afligem um escritor. Todos esses elementos orbitam o espaço privilegiado das cartas e constroem a formação do intelectual e seu contexto. Segundo Eduardo Lourenço, “Da literatura às artes plásticas, do teatro e do cinema à música, da história e das ciências à filosofia, para Sena “a cultura é livre discussão e esclarecimento e conquista pessoal da liberdade de reflexão e expressão.” (LOURENÇO, 1987. p. 13).

Na relação entre Jorge de Sena (1919-1978) e José Régio (1901-1969) é possível observar, em 23 anos de trocas de cartas, iniciadas quando Sena tinha 28 anos e Régio 46, ou seja, entre os anos de 1946 a 1969, um emaranhado de assuntos em que os bastidores da formação do intelectual e seus posicionamentos são revelados dentro de um contexto que aproxima e ao mesmo tempo distancia ambos os escritores, demonstrando o amadurecimento e a formação de Sena e o refinamento e o autoexílio de Régio.

Estar longe de Portugal e sofrer com a adaptação numa nova terra torna a “ferida” do desterro mais profunda ao se perceber que o papel do intelectual numa ditadura é marcado pela tentativa de esquecimento e apagamento de ideais. Além da representação da “fratura” ou “pelo estado de ser descontínuo” (SAID, 2003), o exílio oferece contrastes que aproximam e distanciam culturas, percepções diversas da realidade, relações entre memória coletiva e individual, que delineiam histórias de vidas marcadas por “catástrofes silenciosas” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 120) que perpassam a “passagem para a espacialidade em detrimento da temporalidade”. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 126).

No caso de Jorge de Sena, é possível acompanhar seu amadurecimento como escritor e como sua dimensão artística vai crescendo em compasso com as conversas com um escritor já maduro e reconhecido, como é José Régio. No entanto, a trajetória de ambos é distinta: José Régio se auto exila em Portalegre, uma cidade pequena e sem a agitação das grandes metrópoles, para escrever e ser professor; Jorge de Sena, por outro lado, sai de

Portugal, segue para o Brasil e finaliza sua carreira nos EUA. Tais trajetórias, entrecruzadas em muitos anos de trocas de cartas, podem compor uma “narrativa” intelectual que se constrói de maneira autobiográfica. Segundo Contardo Calligaris (1997):

O escrito autobiográfico implica uma cultura na qual, por exemplo, o indivíduo (seja qual for sua relevância cultural) situe sua vida ou seu destino acima da comunidade a que ele pertence, na qual ele conceba sua vida não como uma confirmação das regras e dos legados da tradição, mas como uma aventura para ser inventada. Ou ainda uma cultura na qual importe ao indivíduo durar, sobreviver pessoalmente na memória dos outros. (CALLIGARIS, 1997, p. 2).

Essas trajetórias distintas podem ser acompanhadas no conjunto de cartas, organizadas e publicadas por Mécia de Sena com o título de *Correspondência* (Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1986), em que a troca de missivas entre os dois escritores ilumina pontos que vão da biografia à atuação política e cultural de ambos escritores. Conforme Foucault “Escrever é pois ‘mostrar-se’, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz.” (s/d, p. 150).

José Régio escreve exclusivamente de Portugal, o que lhe garante uma visão ampla das diversas questões que acontecem em seu país e na Europa de sua época; Jorge de Sena possui um foco mais específico: começa escrevendo suas cartas em Portugal, depois no Brasil (Assis e Araraquara) e termina nos Estados Unidos (Santa Bárbara). Assim sendo, o amadurecimento intelectual de Jorge de Sena aplaina sua relação com José Régio no decorrer das cartas e favorece a percepção de um melhor posicionamento intelectual e profissional de Sena.

Isso pode ser visto na resposta à carta de Régio, datada de 9 de fevereiro de 1947, em que ele afirma: “Quando conversarmos lhe direi que só me desagrada, às vezes, nos seus escritos, um tom de azedume, desconfiança, não sei que, de queixa contra a Natureza ou o Destino.” (SENA, 1986, p. 31) Jorge de Sena, em carta de 16 de fevereiro de 1947, responde à impressão acima ao fazer um balanço biográfico de si mesmo que, apesar de longo, merece ser citado e analisado:

Sou filho único, nascido muito tarde. Meu pai, comandante da Marinha Mercante, era para mim uma personagem fantástica, que, durante uns 15 dias, eu via quase de três em três meses, e para o qual tudo se preparava como para um noivado misterioso, de oito dias, que logo degenerava em tempestades ocultas. Minha mãe fora educada primorosa e religiosamente no melhor colégio do seu

tempo; minha família materna, sob o comando de uma matriarca que era a minha avó, fazia e faz a sua vida por África. O mar, por um lado, e uma extrema delicadeza, por outro, foram sempre duas miragens, dois sonhos, que se foram consubstanciando no desejo de uma carreira náutica (V. sabe: o Júlio Verne, as navegações, o diabo). De súbito, meu pai, que vivera largamente e estava habituado à onipotência após 40 anos de navegação (e quantas vezes eu o acompanhei nas mudanças de ancoradouro no rio!), sofreu um ‘desastre, e foi-lhe cortada a perna. Ele nunca dera para casa mais que o necessário, e ei-lo agora preso a ela, sem remédio, e com o pouco que a companhia de navegação condescendeu em dar-lhe. Eu estava, então, no 5º. ano do Liceu, muito próxima já a miragem da Escola Naval. (SENA, 1986, p. 34).

O fragmento acima oferece um retrato da situação de Sena e os motivos que o levaram a discordar da opinião de Régio (em que afirma encontrar certa amargura em Sena) porque, contrariando as aparências, a vida de filho único, a ausência do pai e depois seu acidente, o levaram por um fracassado caminho da Escola Naval que se provou cheio de decepções. É importante notar que a partir desse fracasso, Sena opta pelo caminho das Letras e, de certa forma, com muito sacrifício e trabalho, torna-se um escritor que busca, cotidianamente e por diversas formas, seu reconhecimento. Aos vinte e oito anos, rememora sua trajetória pessoal e seus desgostos (na mesma carta ele afirma “todo eu sou ofensa e carne viva lembrada”, citando uma passagem de sua obra *Perseguição*) ao mostrar para José Régio que suas experiências pessoais favorecem sua cosmovisão e o alinha no diálogo com um escritor dezoito anos mais velho.¹

Tal experiência será de grande importância se observarmos que essa passagem da vida de Sena será utilizada pelo escritor para compor um dos contos mais bem elaborados de sua trajetória artística: “Homenagem ao papagaio verde”, que compõe o livro *Os grão-capitães: uma sequência de contos*:

Meu pai era uma personagem mítica que eu quase só via à hora de jantar, durante uns quinze dias, de três em três meses. A sua chegada era prenunciada por um cheiro a encerados e a pó espanjado, que se espalhava pela casa toda, cujas portadas de janela se semicerravam como para conservar, em estado de graça e de jazigo de família, aquele ambiente de silêncio e treva premonitória. Não se sabia nunca ao certo essa chegada. Ele não escrevia senão de raro em raro, e minha mãe, para calcular a demora da viagem, ia de vez em quando, comigo pela mão, aos portais da Companhia de Navegação ver, no quadro onde registavam o movimento dos barcos, em que porto das Áfricas o navio de meu pai saía ou entrara. (SENA, 1978, p. 29).

¹ Em resposta, em carta de 26 de fevereiro de 1947, José Régio afirma: “Só queria eu que o ranger de dentes se não ouvisse tanto, e outras suas qualidades mais nobres, mais luminosas que a propensão para o ressentimento e a desconfiança, tomassem a dianteira. Perdoe-me esta rudeza com que lhe falo, com que tenho de lhe falar escrevendo-lhe assim à pressa. Tudo isto, porém, é interesse e estima por você. Não acha que é?”. (SENA, 1986, p. 34).

Nota-se, portanto, que a correspondência entre os intelectuais mostra os bastidores de ideias que, muitas vezes, relacionadas com a realidade ganham uma dimensão artística que transcende a própria experiência do escritor. Jorge de Sena utilizará essas memórias de infância para compor seu conto somente nos anos de 1961 e 1962 (em Assis e Araraquara) utilizando-se de muitas palavras que usou na carta de 1947, em especial a ideia da figura “mítica” do pai. Como afirma Angelides:

Se, de um modo geral, as cartas de um escritor constituem fragmentos valiosos que refletem a personalidade do seu autor, o seu ambiente e as circunstâncias que envolveram seu trabalho criativo, a correspondência entre escritores pode adquirir uma dimensão especial, porque nela se realiza um tipo de diálogo em que dois autores, dois estilos se confrontam e, com frequência, são discutidos problemas diretamente ligados à criação literária. (ANGELIDES, 2001, p. 13).

As cartas funcionam como uma “biografia oblíqua” em que diversos temas são colocados em questão e cruzam-se com assuntos pessoais (Jorge de Sena casa-se, muda-se para outros países, passas por uma cirurgia entre outros fatos) que se misturam a questões culturais, políticas, editoriais, literárias, entre outros assuntos relacionados ao universo do escritor.

José Régio, a princípio, exerce a função de mentor de Jorge de Sena, alertando-o muitas vezes sobre suas decisões impulsivas que o distanciavam de alguns jornais e revistas. Em carta de 13 de fevereiro de 1948, Régio alerta que Sena “não deveria deixar de colaborar na página literária do *Janeiro*; nem mesmo irritar-se tanto. Não vê que perdemos tendo de ficar calados – abandonando os campos onde, embora sob tantas reservas, ainda podemos fazer-nos ouvir um pouco?” (SENA, 1986, p. 45-46).

As relações entre editores, o público leitor e o comércio de livros são temas constantes na relação entre os dois intelectuais, em especial quando um necessita do outro para colaborações em periódicos. Jorge de Sena envereda-se por diversas atividades, principalmente quando ocupa uma cadeira como professor universitário na Faculdade de Letras de Assis e posteriormente em Araraquara. Segundo Sena: “Precisamente o que eu devo ao Brasil, além da realização da minha vocação de professor universitário, em que me espanejo deliciadamente, é a situação que esta Faculdade me dá, ao pagar-me em tempo integral (o dobro do que ganha um professor da Universidade do Rio de Janeiro) para eu produzir.” (SENA, 1986, p. 163).

No Brasil e depois nos Estados Unidos, a carreira de Jorge de Sena ganha novos desafios com a publicação de suas traduções de obras da Literatura Inglesa, a escrita de uma *História da literatura inglesa moderna* e a reunião e tradução dos poemas em Língua

Inglesa de Fernando Pessoa. De certa forma, a capacidade criativa e profissional de Sena o fez transitar por várias formas literárias, da crítica à poesia, do romance à tradução, do conto ao ensaio.

No entanto, uma das tarefas mais importantes, ao se abordar a relação com José Régio, foi a tentativa de organização de um volume “biográfico-crítico e antológico” sobre Régio, que Jorge de Sena não consegue terminar. Iniciado em 1964, conforme carta de 16 de março do mesmo ano, tal projeto foi tema de várias correspondências entre os dois escritores. Apesar de indiretamente estar bem definido, tal projeto não chega ao fim e Régio falece sem ver ao menos um esboço da obra.

Na edição organizada por Mécia de Sena há um “inquérito” proposto por Jorge de Sena e as respostas de Régio que, por sua vez, serviriam de base para o volume “biográfico-crítico e antológico”, mostrando um escritor aberto às novas manifestações literárias e em sintonia com a literatura ocidental. No entanto, a relação de ambos nunca foi marcada pela perfeita harmonia, mas por idas e vindas que complementavam a existência intelectual desses escritores.

Segundo Moraes,

O comungar da carta se espelha no desejo de estar junto, na constante troca de opinião, nas sugestões contestadas ou aceitas. O 'outro', no diálogo epistolar, concorre muitas vezes para a realização artística, funcionando como termômetro da criação. A carta é 'laboratório' onde se acompanha o engendramento do texto literário em filigranas, desvendando-se elementos de constituição técnica da poesia e seus problemas específicos. Propicia a análise (gênese e busca de sentido) e torna manifesto as motivações externas que 'precisam a circunstância' da criação. A escrita epistolográfica proporciona a experimentação linguística e o desvendamento confessional. (MORAES, 2001, p. 14).

Muitas vezes com julgamentos opostos sobre vários assuntos, a relação de José Régio e Jorge de Sena foi delineada por uma intensa troca de opiniões sobre as obras de ambos, principalmente quando havia o lançamento de um livro. Um bom exemplo é a carta de José Régio, datada de 24 de novembro de 1950, ao abordar o livro *Pedra filosofal* e o terceiro ato de *O Indesejado*, em que Régio nota a dificuldade em ler as obras por considerá-las de “difícil comunicabilidade”. Aliás, essa marca da obra seniana, muitas vezes chamada de hermética pelo correspondente, será frequentemente destacada no conjunto das cartas. Por outro lado, Sena sugere que Régio talvez entenda a obra como difícil porque possua um “racionalismo imediato” de fundo geracional ou de “formação espiritual” fora de época. De certa forma, Sena acreditava que existia um descompasso de geração que os distanciava e, muitas vezes, dificultava a compreensão de suas obras.

Nesse “laboratório” crítico haverá uma constante busca de Sena por uma inserção e, talvez, aprovação de Régio que, além de um leitor crítico, também vendia muitos exemplares da obra de Sena para amigos e conhecidos. Essa relação comercial é vista em diversas cartas e mostra a dificuldade de escoamento das obras para o público leitor. É muito interessante notar que, muitas vezes em nome da amizade, José Régio pede poucos exemplares para a venda, não deixando de fazer uma pequena provocação ao amigo: “Mande-me dez exemplares da *Pedra filosofal*, que é o que poderei fazer ler, ou antes, comprar, a este inculto meio de Portalegre!” (SENA, 1986, p. 163).

As respostas para as pequenas provocações sempre vinham, por parte de Sena, recheadas de referências literárias, críticas e filosóficas que mostravam que sua obra e também sua busca por diálogos com outros escritores, era marcada pela dialética. Essa é, talvez, uma das principais chaves de leitura da obra seniana: a busca constante de diálogos, releituras, influências, que tensionam sua percepção artística. Observe-se a resposta de Sena à carta acima citada, escrita em 26 de novembro de 1950:

Quando por natureza e por cultura se tem da poesia uma noção de criação dialética, isto é, de crescimento lógico no espaço e no tempo, é inevitável que a um racionalismo imediato essa poesia pareça intelectualista... como o parecerão as congeminções de um Hegel ou de um Marx, cujas interpretações da realidade são as que mais próximas se situam de uma poesia como tal. Isso no plano das noções. Que, no plano das realizações atuais (e V., como criador distinto, não é obrigado, evidentemente, a “estar por”, como eu também não o seria, se, por natureza e tipo de formação, consciência histórica, não fosse levado a estar), é a minha poesia mais intelectualista ou mais hermética que a de um Eliot, de um Claudel, de um Ezra Pound, de um Ungaretti – homens mais velhos que V.? Mais intelectualista que a de um Auden, de um Eluard, de um Lionello Fiumi, homens da sua geração? Que a de um Dylan Thomas ou de um Pierre Emmanuel, que são da minha? É que, simplesmente, há neles toda uma experiência espiritual de post-simbolismo, de surrealismo que homens como V. conhecem como informação cultural, mas não vivem como atividade e forma de atividade do espírito poético. (SENA, 1986, p. 60-61).

Tal distinção entre o chamado “racionalismo imediato” em contraposição ao “materialismo dialético” será objeto de muitas considerações por parte Jorge de Sena (com aproximadamente trinta anos quando escreveu essa carta e ainda em Lisboa) que nortearão sua carreira e futuras obras, sejam elas teóricas ou ficcionais. De certa forma, o caminho teórico e a experiência com a docência, desenvolvidos por Jorge de Sena a partir de sua vinda para o Brasil, refinam ainda mais seus posicionamentos e o faz, muitas vezes, se distanciar de José Régio.

Assim como Sena aliava ficção e história (muitas vezes a partir de experiências pessoais), na busca por uma “voz” que, ao mesmo tempo fosse dissonante mas que ecoasse

juntos os grandes nomes da literatura, ele também ansiava por uma literatura marcada por tensões de forma e conteúdo. Assim termina a definição que Sena iniciou na citação acima: “racionalismo imediato não é sinônimo de racionalismo primário, mas sim de racionalismo “tout-court”. Porque o materialismo dialético, em cujo âmbito, embora muito pessoalmente me coloco, também se quer primacialmente racionalista.” (SENA, 1986, p. 61).

Esse movimento de aproximação de distanciamento entre os dois escritores pode ser entendido como uma forma de constante movimento intelectual de Jorge de Sena (seja do ponto de vista intelectual, artístico ou geográfico) para diversas experiências culturais e o distanciamento de José Régio para uma cidade pequena como Portoalegre para construir sua obra.

Segundo Horácio Costa:

Como não podia deixar de ser, tal intercâmbio longo e volumoso constitui um lugar privilegiado para a consideração de dois dos mais significativos criadores da literatura portuguesa das décadas intermediárias do século passado, tanto no que revelam sobre as suas personalidades, como pelo que guardam sobre a vida literária da e na época. Além disso, apesar de Régio e Sena serem, obviamente, dois indivíduos com características, gostos e horizontes específicos, a relação postal entre ambos pode assumir por assim dizer um valor referencial, no sentido em que, se lida com um ponto de vista generalizador que privilegie a historiografia da literatura, pode indicar as zonas, de conflito e comunhão entre a geração da *presença* e a posterior, fortemente marcadas por Régio e Sena, tal e como é do conhecimento geral. Mais além de tudo isso, ainda, a epistolografia Régio/Sena tem interesse para o estado — ou, mais do que isto: para a *compreensão* da relação entre dois autores com interesses literários e estéticos semelhantes, sob a luz da exemplaridade — positiva ou negativa — que a figura do mais velho pode significar para o mais moço, entre a figura daquele como uma espécie de modelo literário para o bem ou para o mal, o que me leva neste momento a recordar, ainda que *en passant*, a mecânica da «anxiety of influence», conceito *pós-freudiano* cunhado por Harold Bloom. (COSTA, 2002, 42-43).

O posicionamento acima compreende de forma total a relação entre os dois intelectuais, mostrando que, apesar de projetos literários distintos, ambos contribuíram de forma impar para o entendimento de suas produções, de suas trajetórias e, principalmente, complementam-se na busca por um estilo e uma voz própria.

Para Régio, a busca de um exílio em Portalegre, como professor entre os anos de 1930 a 1962, foi uma forma de dedicar-se à literatura, longe dos grandes centros. Como afirma o escritor, em carta de 21 de junho de 1964, “Até nesta perdida cidadezinha alentejana se pode levar uma vida sobrecarregada e complicada.” (SENA, 1986, p. 61). Por outro lado, para Jorge de Sena o caminho foi marcado por lutas e diversos desafios. Um

deles foi a prisão de catorze professores em Araraquara (carta de 6 de julho de 1964) em que o intelectual se sente amedrontado com o clima político brasileiro.

São nesses cruzamentos de assuntos, ideias, opiniões, análises que a correspondência entre ambos se constrói. Não de forma tranquila e amistosa muitas vezes, mas sempre demonstrando como a formação dos escritores é algo marcado por diversas tensões.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, O. N. de. *Sinais de uma guerra: trauma e crise histórica em Sinais de fogo*, de Jorge de Sena. *Terra roxa e outras terras*. Revista de Estudos Literários. Londrina: UEL, 2005. Volume 6.
- ANGELIDES, S. *Carta e Literatura: correspondência entre Tchekhov e Gorki*. São Paulo: Edusp, 2001.
- CALLIGARIS, Contardo. *Verdades de autobiografias e diários íntimos*. [texto eletrônico], 1997. Disponível em: <www.bibliotecadigital.fgv.br>.
- COSTA, J. F. *A Correspondência de Jorge de Sena: um outro espaço da sua escrita*. Lisboa: Salamandra, 2003.
- COSTA, H. Aspectos da correspondência entre Jorge de Sena e José Régio. *Revista da ANPOLL*. Número 13, p 41-50. Julho/Dezembro 2002.
- LISBOA, Eugênio. *O Objecto Celebrado*. Coimbra: AUC, 1999
- LOPES, Ó. Os Contos de Jorge de Sena (problemas de um assumido realismo). In: LISBOA, E. (Org.), *Estudos Sobre Jorge de Sena*. Lisboa: IN-CM, 1984.
- LOURENÇO, J. F. *O essencial sobre Jorge de Sena*. Lisboa: INCM, 1987.
- MENDES, A. P. C. *Representações do exílio: entre referência e ficção*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010.
- MORAES, Marcos Antônio de (Org.). *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. São Paulo: EDUSP, 2001
- RICOUER, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François (et al.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- SANTOS, G. Espreitando uma correspondência inédita: Jorge de Sena/José Saramago. *IPOTESI*, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 225-233, jan./jun. 2011
- SELIGMANN-SILVA, M. 2005. *O local da diferença. Ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- SELIGMANN-SILVA, M. (Org.). 2003. *História, Memória, Literatura. O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.
- SENA, J. de. *Os grão-capitães: uma sequência de contos*. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 1978
- SENA, J. de. *Sinais de fogo*. Edição e organização de Arnaldo Saraiva. Lisboa: Edições 70, 1978.
- SENA, J. de; FERREIRA, V. *Correspondência*. Edição e Introdução de Mécia de Sena. Introdução de Vergílio Ferreira. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987.

Marcio Roberto Pereira

Pós-doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-UNESP (Araraquara), Doutor e mestre em LETRAS pela UNESP (Assis). É professor na Unesp (Assis).na área de Literatura Portuguesa.Vice-supervisor do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa - CEDAP. Membro do BRASA - Brazilian Studies Association e da AIL - Associação Internacional de Lusitanistas. Vice-líder do Grupo de Pesquisa "Memória e Representação Literária". É pesquisador associado à Sociedade Brasileira de Estudos do Oitocentos (SEO) e à Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC). Contato: marciorpereira@uol.com.br.